

**AGDA MARINA F. MOREIRA**

# **POR UM FEMINISMO QUILOMBOLA**

**RECONHECER NOSSOS CORPOS,  
LEGITIMAR NOSSOS TERRITÓRIOS.**

# PO R UM FEMINISMO QUILOMBO LA

RECONHECER NOSSOS CORPOS,  
LEGITIMAR NOSSOS TERRITÓRIOS.

AGDA MARINA F. MOREIRA



MARIANA  
CRIOULA  
MULHERES QUILOMBOLAS  
DO ESTADO DE MINAS GERAIS



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

M838p      Moreira, Agda Marina F.  
              Por um feminismo quilombola [livro eletrônico] : reconhecer  
nossos corpos, legitimar nossos territórios / Agda Marina F. Moreira.  
– Belo Horizonte, MG: Mariana Crioula, 2024.  
              22 p. : foto. color.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5872-700-2

1. Mulheres quilombolas – Condições sociais. 2. Feminismo. 3.  
Sexismo. 4. Racismo. I. Título.

CDD 305.488

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

**É permitida a reprodução total ou parcial dessa obra, desde que citada a fonte e que não tenha finalidade comercial.**

**Apoio:**

Fundo de Ação Urgente para América Latina e Caribe (FAU-LAC);  
Fundação Interamericana (IAF).

**Realização:**

Coordenação de Mulheres Quilombolas do Estado de Minas Gerais (Mariana Crioula);  
Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais (N'Golo).

**Parceiro fiscal:**

ONG Moradia e Cidadania

**Elaboração de textos e organização:**

Agda Marina Ferreira Moreira

**Projeto gráfico:**

 | Tulio Jander

**Impressão:**

KMA Soluções Gráficas

# FICHA TÉCNICA

**POR UM  
FEMINISMO  
QUILOMBOLA**

RECONHECER NOSSOS CORPOS,  
LEGITIMAR NOSSOS TERRITÓRIOS.





# DE ONDE PARTIMOS

Após quinze anos de uma trajetória profissional com enfoque nas comunidades quilombolas do estado de Minas Gerais, tivemos a oportunidade de interagir, observar, trocar experiências e, é claro, aprender muito com suas lideranças e referências. Por meio de projetos executados por entidades e grupos diversos, enquanto assessora técnica da **Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais (N'Golo)** e colaboradora da **Coordenação de Mulheres Quilombolas do Estado de Minas Gerais (Mariana Crioula)**, em centenas de territórios pelo estado.

Nessa caminhada, a ênfase nas mulheres quilombolas se impôs, uma vez que são elas, que cuidam de suas comunidades e estão à frente das lutas na defesa de seus territórios. Contudo, seu protagonismo muitas vezes é pouco - ou nada - reconhecido, fruto do patriarcado que afeta com maior peso os corpos das mulheres quilombolas, marcados pelas relações de poder e hierarquias estabelecidas pelo colonialismo, mas que ainda reverberam nos dias atuais.

A partir de projetos que passam a colocar as mulheres quilombolas no centro do debate e das intervenções, uma questão passou a se apresentar inevitavelmente: é possível falarmos em feminismo quilombola? Apesar de serem feministas em suas práticas cotidianas e na luta por seus direitos, o termo ainda é pouco utilizado pelas mulheres quilombolas que, vale destacar, não se enquadram em nenhum movimento feminista vigente.






O feminismo tradicional, branco e burguês não representa a luta das “outras mulheres”, indígenas, negras, camponesas, quilombolas, dentre tantas outras. O feminismo rural também não inclui a pauta das mulheres em sua totalidade, uma vez que não considera a raça como fator de distinção e reproduz de diferenças, além de lutar por terra, não por território, que é a principal pauta de luta dos quilombolas.

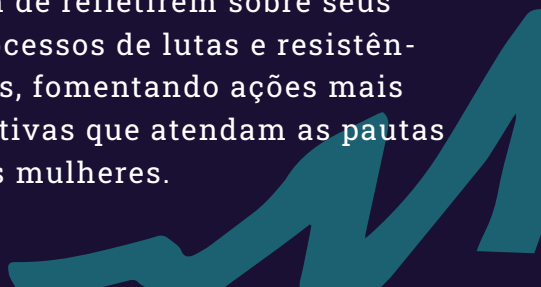
Por fim, o feminismo negro também não contempla a pauta das mulheres quilombolas que, apesar das semelhanças no que diz respeito às resultantes do processo escravista, que gerou exclusões e vulnerabilidades para ambas as categorias, a pauta do negro urbano não pode se assemelhar à do negro quilombola. Ambos marcados pelo racismo e seus reflexos na sociedade atual, o quilombola ainda encontra-se em condição de inferioridade, uma vez que, ao não ter o direito ao território garantido, também não tem acesso à direitos básicos como

água, saúde, soberania alimentar, dentre outros.



Sendo assim, nosso objetivo é o de pensar a construção do conceito de feminismo quilombola, a partir de um olhar técnico, de quem “está de fora”, para então amadurecer o entendimento com as mulheres quilombolas, para que seja assimilado “de dentro”. Apesar do desafio imposto por essa tarefa, ela se torna urgente para a afirmação de seus corpos de luta e da atuação destes corpos na defesa de seus territórios, sendo movimentos imbricados, carregados de materialidade e subjetividade, as quais buscaremos apontar.

Com isso, buscamos contribuir na luta, na afirmação e na organização de coletivos liderados por mulheres quilombolas, quer sejam de âmbito comunitário, municipal ou regional, a fim de refletirem sobre seus processos de lutas e resistências, fomentando ações mais efetivas que atendam as pautas das mulheres.



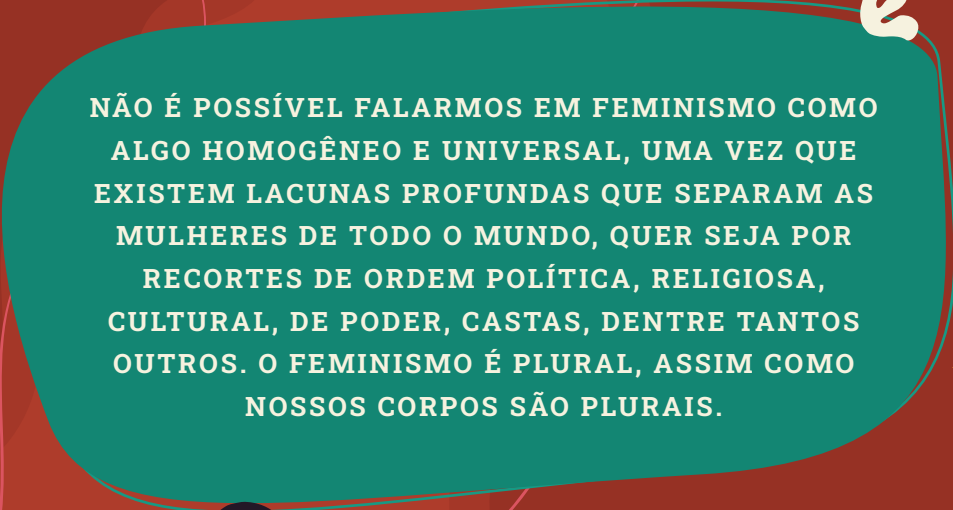
# TERRITÓRIO



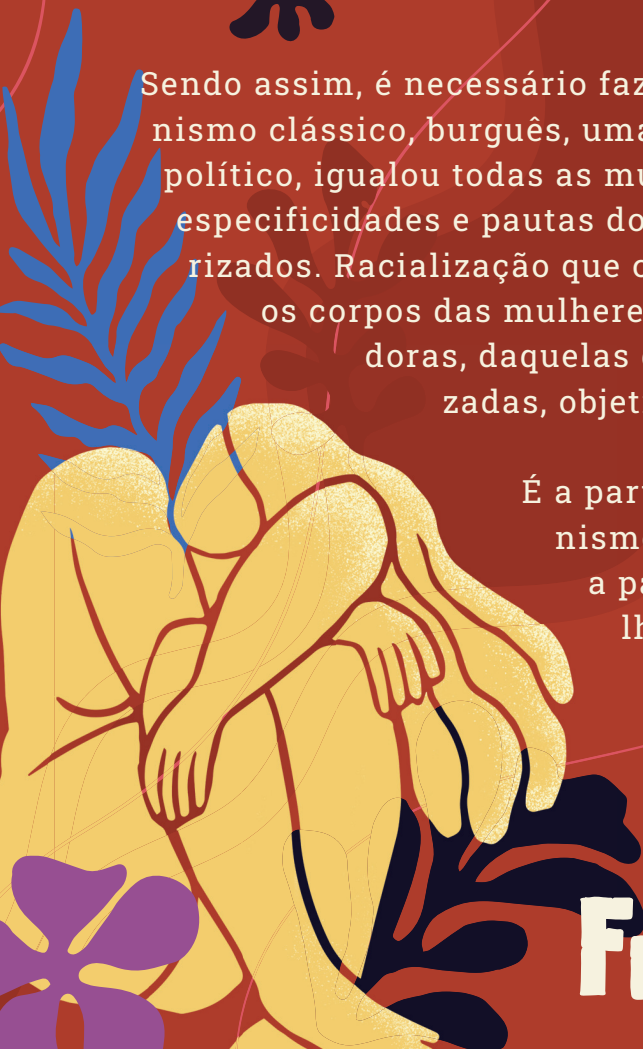
O território quilombola é mais do que o espaço em que as comunidades estão inseridas. É espaço de reprodução da vida cotidiana, do plantio, dos modos próprios de cada grupo de pensar, fazer e manter vivas suas tradições, herdadas de seus antepassados.

Mas, para além de sua dimensão material, de onde as comunidades tiram seu sustento, o território também é espaço do simbólico, das crenças, do sagrado, de onde seus ancestrais estão enterrados, dos saberes e modos de fazer suas tarefas mais simples.

**O TERRITÓRIO É ONDE PULSA A VIDA DA  
COMUNIDADE, ONDE SUAS RAÍZES, SUAS  
REFERÊNCIAS E SUAS TROCAS ENTRE OS  
MEMBROS DA COMUNIDADE SE CONSTRÓI DIA  
APÓS DIA, NÃO SENDO POSSÍVEL  
REPRODUZÍ-LAS EM OUTROS ESPAÇOS.**



NÃO É POSSÍVEL FALARMOS EM FEMINISMO COMO ALGO HOMOGÊNEO E UNIVERSAL, UMA VEZ QUE EXISTEM LACUNAS PROFUNDAS QUE SEPARAM AS MULHERES DE TODO O MUNDO, QUER SEJA POR RECORTES DE ORDEM POLÍTICA, RELIGIOSA, CULTURAL, DE PODER, CASTAS, DENTRE TANTOS OUTROS. O FEMINISMO É PLURAL, ASSIM COMO NOSSOS CORPOS SÃO PLURAIS.



Sendo assim, é necessário fazermos uma crítica sobre o feminismo clássico, burguês, uma vez que ao emergir no campo político, igualou todas as mulheres, sem considerar suas especificidades e pautas dos grupos racializados e inferiorizados. Racialização que criou diferenças profundas entre os corpos das mulheres brancas, europeias, colonizadoras, daquelas que as serviam: negras, escravizadas, objetificadas, colonizadas.

É a partir dessa diferença que o feminismo quilombola deve ser pensado, a partir das experiências das mulheres quilombolas, de sua história e das marcas profundas que o escravismo e a exclusão a direitos, por séculos, deixou em seus corpos.

# FEMINISMOS



# QUILOMBOLAS

Quilombolas são grupos etnicamente diferenciados, com modos de viver próprios, diretamente relacionado ao território em que estão inseridos. Descendentes diretos de negros que resistiram à escravidão, estas comunidades são reconhecidas como parte da cultura afro-brasileira, mantendo vivas aspectos socioculturais que remetem a séculos de história.

Reconhecidos como sujeitos de direitos pela Constituição de 1988, os remanescentes de quilombos são uma categoria social, dotada de características e direitos diferenciados como parte da reparação pelos danos sofridos pela escravidão.

**Selma Santos Dealdina**



“

**AS MULHERES QUILOMBOLAS CONSTROEM CONHECIMENTOS QUE EMANCIPAM A ELAS MESMAS E A OUTRAS PESSOAS DO QUILOMBO. COMPREENDEM A IMPORTÂNCIA POLÍTICA E JURÍDICA DO TERRITÓRIO E DA TERRA, BEM COMO A SUA FORÇA VITAL NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES QUILOMBOLAS AS QUAIS SE AFIRMAM POR MEIO DAS LUTAS COTIDIANAS CONTRA TODA SORTE DE OPRESSÃO.**

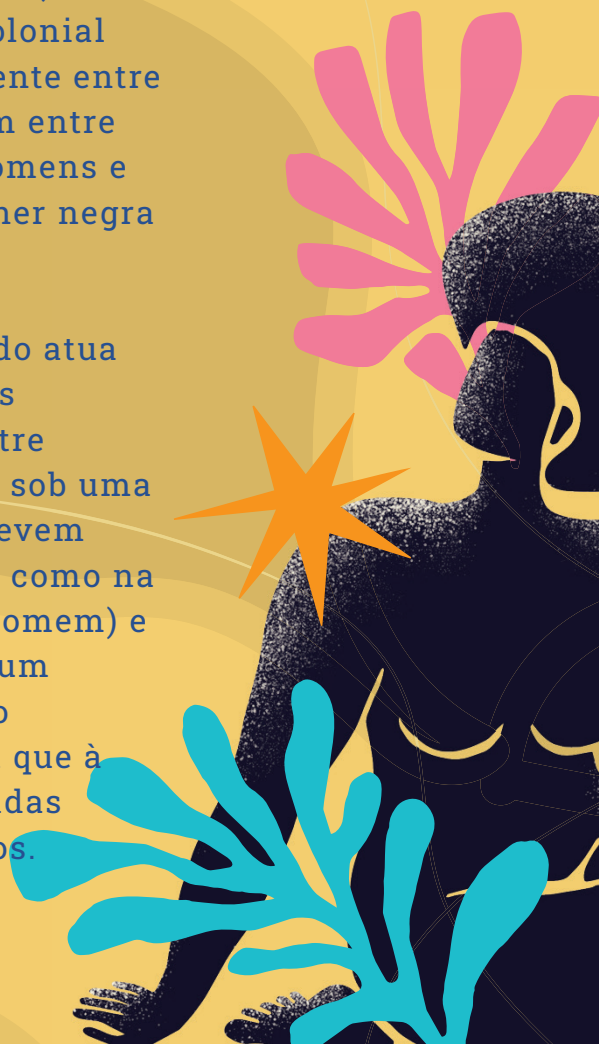
”



# PATRIARCADO

O patriarcado pode ser entendido como um sistema social em que os homens ocupam lugar de privilégio e destaque, quer seja no âmbito político, social, familiar, econômico. O patriarcado colonial estabeleceu diferenças não somente entre homens e mulheres, mas também entre homens e mulheres brancas e homens e mulheres negras, estando a mulher negra duplamente subordinada.

De um modo prático, o patriarcado atua em nosso imaginário social e nas relações, impondo diferenças entre homens e mulheres, unicamente sob uma concepção de que as mulheres devem estar a eles subordinadas, assim como na concepção bíblica da “cabeça” (homem) e a “cauda” (mulher). Mais do que um sistema ideológico, o patriarcado estabelece relações de poder, em que à mulher são esperadas determinadas funções, papéis sociais e políticos.







**Lélia Gonzalez**



“ NÓS MULHERES E NÃO BRANCAS FOMOS 'FALADAS', DEFINIDAS E CLASSIFICADAS POR UM SISTEMA IDEOLÓGICO DE DOMINAÇÃO QUE NOS INFANTILIZA. AO NOS IMPOR UM LUGAR INFERIOR NO INTERIOR DA SUA HIERARQUIA (APOIADAS NAS NOSSAS CONDIÇÕES BIOLÓGICAS DE SEXO E RAÇA) SUPRIME NOSSA HUMANIDADE JUSTAMENTE PORQUE NOS NEGA O DIREITO DE SERMOS SUJEITOS NÃO SÓ DO NOSSO PRÓPRIO DISCURSO, COMO DA NOSSA PRÓPRIA HISTÓRIA. ”



Em síntese, numa sociedade patriarcal, homens e mulheres nunca serão iguais, nem em seus papéis sociais, nem nas liberdades, nem nas funções e cargos que ocupam, nem na autonomia que têm sobre seus próprios corpos.



# RAÇA

Compreender o conceito de raça é de suma importância para propormos um feminismo quilombola, uma vez que a raça foi fator distintivo que colocou os corpos negros num lugar de objetos, à partir de uma noção de “raças inferiores”, justificativa para escravizar estes corpos e não outros.

**María Lugones**




“ A INVENÇÃO DA RAÇA É UMA GUINADA PROFUNDA, UM GIRO, JÁ QUE REORGANIZA AS RELAÇÕES DE SUPERIORIDADE E INFERIORIDADE ESTABELECIDAS POR MEIO DA DOMINAÇÃO. A HUMANIDADE E AS RELAÇÕES HUMANAS SÃO RECONHECIDAS POR UMA FICÇÃO EM TERMOS BIOLÓGICOS. ”

Inserida no sistema colonial, a criação de “raças humanas” cria não somente uma distinção social entre brancos, negros e indígenas, mas também racializa o conhecimento, os marcos históricos, a cultura, as relações familiares e de gênero.

Sendo assim, as “fêmeas racializadas”, passam a ser subordinadas, vistas como mais resistentes ao trabalho, objetos de prazer, inapropriadas para se casar, dentre tantos outros estereótipos que ainda carregamos, como forma de controle e poder sobre estes corpos.





Contraoando a lógica de bem-estar e da qualidade de vida proposta pela sociedades ditas modernas, que concebe o homem separado da natureza, o conceito do bem-viver emerge dos questionamentos dos movimentos feministas e agroecológicos latino americanos.

A partir das experiências e vivências dos povos originários e tradicionais, que possuem uma relação cotidiana com o território e com o meio em que estão inseridos, estes grupos propõem uma definição que represente suas trajetórias, se apresentando como uma alternativa à lógica de desenvolvimento construída pelo capitalismo.

Ao propor uma lógica do bem-viver, esses movimentos pregam um princípio de igualdade, de que todos possam viver com dignidade, com soberania alimentar e acesso a um território saudável e autônomo.



# O BEM- VIVER





Djamila Ribeiro




“

É IMPRESCINDÍVEL QUE SE LEIA AUTORAS NEGRAS, RESPEITANDO SUAS PRODUÇÕES DE CONHECIMENTO E SE PERMITINDO PENSAR O MUNDO POR OUTRAS LENTES E GEOGRAFIAS DA RAZÃO. É UM CONVITE PARA UM MUNDO NO QUAL DIFERENÇAS NÃO SIGNIFIQUEM DESIGUALDADES. UM MUNDO ONDE EXISTAM OUTRAS POSSIBILIDADES DE EXISTÊNCIA QUE NÃO SEJAM MARCADAS PELA VIOLÊNCIA DO SILENCIAMENTO E DA NEGAÇÃO.

”









# POR QUE É IMPORTANTE PENSARMOS NUM FEMINISMO QUILOMBOLA?

Reconhecer e afirmar o termo nos insere numa discussão já reconhecida e endossada nos mais diversos espaços, ao reconhecer que o recorte de gênero e raça são indispensáveis para compreender as diferenças e exclusões impostas pela estrutura colonial, patriarcal e racista, que sustenta o capitalismo atual.

Nesse contexto, nossos corpos e nossa luta na defesa e reconhecimento territorial não se enquadram nas pautas já defendidas por movimentos feministas negro e do campo. Isso porque nossa pauta é distinta, com especificidades que remontam à luta de nossos antepassados.

Por isso, reconhecer o feminismo quilombola é reconhecer nossas pautas, nossas demandas e nossas formas de interagir e de defender nossos territórios, respeitando nossa singularidade e nossos corpos, inseridos e construídos no espaço em que nasceram nossos antepassados e onde nascerão as futuras gerações.





# COMO QUILOMBOLAS, NOSSA BANDEIRA NÃO É IGUAL À DOS NOSSOS COMPANHEIROS, FILHOS E ANCESTRAIS HOMENS?


Não. Historicamente, nossos corpos foram marcados pela diferença, quer seja, enquanto objetos de trabalho ou vinculados ao cuidado e ao âmbito doméstico, responsabilidades que ainda prevalecem em nossa vida comunitária. A hipersexualização dos corpos das mulheres negras permeiam o imaginário social em que estamos inseridas, colocando nossos corpos num lugar de superficialidade, de satisfação de desejos do homem branco e de solidão em termos de afetividade.

Ainda carregamos os estigmas e os estereótipos construídos pelo escravismo e pelo racismo. Como já dizia um dito popular: “branca pra casar, mulata pra fornicar, negra para trabalhar”, nossos corpos são tipificados e explorados pelo patriarcado, ao qual a miscigenação representa o auge da violência que nos foi imposta ao longo de séculos e que construiu as bases sociais da nação brasileira.

Portanto, nossas pautas são distintas, pois ainda somos as que sofrem violências diversas, as que têm dificuldade em ocupar espaços de poder, as que passam grande parte do ano cuidando de nossas famílias e comunidades quando os homens saem em busca de renda, as que garantem a soberania alimentar e as que possuem demandas específicas no campo da saúde.



A relação corpo e território é ponto de partida para pensarmos a atuação de mulheres quilombolas na defesa e gestão de seus territórios, sendo o princípio norteador ao concebermos um feminismo quilombola. Dados de formas inseparáveis, as comunidades não existem sem o território e não há território sem os sujeitos quilombolas e tudo aquilo que constroem.



Ao reconhecermos corpo e território como aspectos inseparáveis, estamos reconhecendo que, assim como as mulheres afetam seus territórios, eles também as afetam, de forma positiva ou negativa. Ou seja, se as águas do território que abastece a comunidade estão contaminadas, certamente a saúde de seus moradores será agravada. Se existem conflitos e disputas territoriais, possivelmente a saúde mental dessas mulheres será afetada, além de causar outras doenças.

Sendo assim, a existência das mulheres quilombolas e a garantia do bem-viver delas e de seus familiares, somente é possível se o território está saudável e se elas possuem autonomia para fazer a gestão deste espaço.



## **PENSAR CORPO E TERRITÓRIO DE FORMAS INSEPARÁVEIS**

# PO R QUE FEM INISMO QUILOMBOLA?

Porque essa discussão é necessária para tornar nossos corpos e nossas lutas visíveis numa sociedade que nos exclui.

Porque sem a força e a atuação das mulheres em suas comunidades, a defesa e a preservação do território se enfraquece, uma vez que somos nós as que mantêm os saberes ancestrais por meio da transmissão oral, as responsáveis pelo cuidado, pela produção em nossos quintais, pela educação de nossos filhos em torno da memória de nossos ancestrais e tantos outros aspectos.

Somos nós quem estamos no território dia após dia, mantendo nossas raízes e nossa história viva para as futuras gerações.

**Nosso corpo é o nosso território!**



